

# A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

## PEQUENA CHRONICA

### A INFANCIA:

Insisto mais uma vez. Barcellos precisa de um albergue, de uma Recolhimento-Officina para rapazes.

Quem o não vê; quem o não sente; quem o não palpa?

Se ha povoação no paiz, onde escasseie trabalho para rapazes, é Barcellos. Aquí não ha fabricas como na Covilhã; officinas como em Guimarães; marinhagem como em Espozende e Povoa; vidrarias como na Marinha Grande...

Barcellos, digam o que disserem, é uma terra morta. O capital dorme a ferrolhado no escaninho da caixa, e a industria está dependurada sob os arcos da ponte coberta de teias de aranha! A villa, creada de longa data n'este desprendimento de trabalho activo, acostunada á lambugem dos cartorios e ás migalhas do mercado semanal, foi-se criando uns hábitos molles d'indiferença, assim como um podengo d'um só nariz, que não procura caça, sem primeiro levar dois pontapés!

Do mais, dorme para ali inerte e fozegada como o jacaré na areia, tomando o bom sol do Deus nos lombos e na barriga. Uma só vez acordou e levantou a cabeça, como quem diz—cu lá vou. Foi quando lhe disseram que os escriptães iam ganhar menos, e que a Justiça de Barcellos havia de emagrecer um pouco—por causa da comarca d'Espozende! Sempre com o nariz na tal lambugem...

Mas nunca pediu a montagem de fabricas por esse rio abaixo, desde St.<sup>a</sup> Eugenia até Medros, fabricas de resinagem, havendo n'esta região, como em poucas, tanta abundancia de pinheiros; nunca pediu uma officina de tecelagem; uma escola industrial, nem agricola...

Ora, é por isto que, não havendo em que occupar tantos rapazes que para ali vagabundeiam, é necessario um Azylo-Officina para os distrahir da estrada sinuosa que trilhão, porque essa estrada leva simplesmente ao roubo; e, de pois do roubo, ao assassinato. É necessario que Barcellos accorde d'esse maraemo sórna em que tem vivido, e nudo de hábitos. Não se accóde sómente á porta do tribunal, á espera da viuva desolada, ou do demandista chronico. Faça por eriar-se uma necessidade de trabalho activo, porque, fazendo agora esta remodelação de

hábitos, e luctando sempre, porque hade ser preciso luctar muito contra o ronecicismo e a malandrice historica, escorrida já pelas enxundias de umas poucas de gerações, Barcellos prepara um futuro melhor para os vindouros, para os seus filhos, ao menos, se netos não chegar a ter...

E desaparecerá das ruas e das praças essa pelintragung esfarrapada, testemunho sempre vivo a estranhos, que nos visitam, da nossa indolencia, da nossa falta de actividade, e do nosso desentido pelo dia de amanhã! Quem não instrue a infancia de hoje no caminho do trabalho e da virtude, amanhã, só pode esperar o roubo e a perfidia moral. Esta é que é a verdade. E, depois, é tambem uma obra de mizericordia!

Quem se não condóe d'esses desgraçados maltrapilhos de 7 a 12 annos e mais, que por ali andam cheios de frio, dobrando uma esquina, espjollhando-se n'uma beira, agora tangendo uma roda, logo implorando uma esmóla porque a fome os aperta... E hoje pedem; mas, amanhã, ou porque a occasião se lhes proporeionou, ou porque tinham fome e ninguém lhes deu nada, furtam um pão. Vão para a cadeia. Entram são de espirito, e sahem uns leprosos... sempre desgraçados, desgraçados para toda a vida!

E, se alguém lhes desse a mão, quando elles andavam tangendo rodinhas pelas ruas, talvez que dessem uns magnificos artistas, uns bons mestres de officina, homens dignos, uns bons cidadãos...

Mas, não ha dinheiro, dizem. Qual não ha dinheiro! O que não ha é iniciativa. Um Azylo-Officina não precisa tambem de mundos e fundos. Bastam alguns contos, poucos. Depois, com um bom director, até os proprios rapazes, com os seus trabalhos, criam receita. Ha poucos annos, fallando-se em se montar n'esta villa um Theatro, dizia-se:—não ha dinheiro. Mas houve iniciativa, e o dinheiro apparece. Pois, estou certo que, tomando alguém a iniciativa d'um Azylo-Officina, o dinheiro tambem hade apparecer.

Barcellos ainda tem corações nobres e generosos e almas bem formadas!

Avante. A obra é patriotica, é christã e é social. Olha para o futuro; e tudo o que nós podermos cimentar, que olhe para o dia de amanhã, progresso e beneficio moral, é sempre uma obra grandiosa.

Z. Saramago

## A Lagrima

Três horas e meia da manhã. Muito frio e um nevoeiro cerrado. Um vulto femenino, alto, embuçado n'um chaile, acerca-se da porta d'uma alquilaria nova, em Barcellinhos:

—Quando parte o carro para Ponte?

—A's 4 horas: mas sae lá em cima, ao pé do jardim.

—O peor é que eu não sei bem o lugar...

—Mas eu acompanho-a.

Foram. Elle, um rapaz novo, agasalhado em dous casacos, as golas levantadas por causa do frio e do nevoeiro, seguia adeante.

Ella, distanciada um pouco. Ao cimo da rua das Flores chamou-o, e disse-lhe:

—Por favor vá mais devagar, que eu já não posso acompanhá-lo.

Não estou acostumada a andar tão depressa.

Elle atrazou o passo. Em frente ao Senhor da Cruz, ella collocou-se-lhe ao lado, muito embuçada no chaile...

—Talvez já não chegue ao carro, menina; diz-lhe elle, a meio do campo da Feira.

—Chego, chego. Eu até já o vejo...

—Mas, faça de conta que não chega...

—Sim, até parece, que eu sou tolinha!

\*

Elle ficou entupido. Cuidando que acompanhava uma velha qualquer, só em frente ao Senhor da Cruz é que conheceu que acompanhava a Julieta, a elegante Julieta que elle namorava ha dous mezes, de longe...

Ficou entupido. E o carro partiu.

Parece que ha sapos e outros vixos, no paço do snr. Arcebispo de Braga. As gazetas fallam, fallam...

E quando as pégas gazeiam...

Onde ha paço, ha Senhor de Cruz ás costas...

ALBUM DA «LAGRIMA». Requerimento apresentado á Commissão do Recenseamento eleitoral de Barcellos, em 1892:

«F. colteiro devinte ium Anos de idade compeletos labradores cidadão portuguez da freguezia de Santa Eugenia de Rio cobodo concelho de Barcellos cabe ler i escrever ipor igo.

P." a V. Ex.<sup>as</sup> se dignem ins crebelo no re:encia:mento eleitoral

E R M.»

Fallando em casamentos:

—Nós cá, diziam as Souzas, havemos de cazar com sujeitos muito ricos, ou altamente collocados.

\*

Passado tempo:

—O' Julia, quem são os namoros das Souzas?

—Quem hão de ser? Uns pelintras, sem dinheiro nem posição.

Pela lingua morre o peixe...

O «Jornal de Santarem» publica, no seu n.º 506, um folhetim interessante. Intitula-se *Carta do Minho*, e é subscrito por Nunes d'Azevedo, que já conhecemos ha muito como contista fino e elegante. Até nos lembra de Camillo o apresentar a publico. Mas o que vem aqui a proposito dizer é que o snr. Nunes d'Azevedo elogia a valer a alegria e a plastica das mulheres do Minho, e dá uma trépa medonha nas da Extremadura. Diz que são feias; mal vestidas; que não cantun; que trazem a alegria calçada como os p's—em botas altas...

Sem procuração das mulheres minhotas, ainda assim—obrigado.

As leitoras do «Jornal de Santarem», essas provavelmente, fazem-lhe figas, snr. Azevedo.



## A Lagrima

COMPARANDO: Amarante tem lyceu: Guimarães um seminario: A Povoia um Instituto: a Figueira uma escola de desenho, francez, contabilidade e escripturação commercial: Torres Vedras uma escola industrial...

E Barcellos?

Não tem nada. Tinha uma aula de latim, e até essa desapareceu!

Quem diria ao governo de S. M. que em Barcellos se *odeia* a instrucção?

Seriam os dandys?

Tem-se comprado n'esta villa a 280 reis o kilo da pescada. Não vale de nada termos mar á beira.

—E' melhor, diz um zelador municipal, comprar uns pombinhos, que se adquirem por 80 reis...

### TELEGRAPHIA

Espozende, 30, ás 9 da m.—Muita abundancia de pescada e d'outros peixes.

Povoia de Varzim, 30, ás 7 da t.—Sahiram hoje muitos barcos carregados de peixe. Tem-se vendido pescadas a 120 reis!

Braga, 1, ás 7 da m.—A abundancia de peixe que houve na Povoia e Espozende, reflectiu-se aqui. Venderam-se pescadas grandes a 200 reis!

Note-se: a Povoia fica distante d'esta cidade 40 kilometros, aproximadamente.

NOTAS DA QUINZENA. Choveu muito. As terras empaparam-se, e as ruas alagaram-se. A chuva, a bater de cima nas calçadas, parecia um latoeiro a bater folha de Flandres—*tall, tall*, estalando!. Na rua direita, então, parecia que se renovava o diluvio. Esta rua, por ser a principal artéria da villa, é a que está mais mal preparada para chuvas de inverno. E' ver. Fica logo um charco, uma poça paparenta, de esterco e de lama. —Fica assim como um caneiro d'aquelles d'Alcantara, que vão desaguar no Tejo. E' um *cheirete*... Pouco mais ou menos, uma cousa assim.

Depois, é uma ameaça continua á muito deliciosa e prestadia vida dos seus moradores. Agora, para se poderem abastecer dos generos indispensaveis, tiveram que pedir ao sr. Bento Moreira que, de harmonia com o Cagalhufas, montassem um barquito, feito de tres pares de soccos e umas botas de montar novas, e n'essa especie de jangada é que traziam da Praça municipal os generos de primeira necessidade, como a hortaliça e as batatas. Houve serviço especial de salvagão publica, durante as chuvas, para que nenhum forasteiro, ignorante das *bellesas* da rua, fosse victima. Ainda assim, deram-se alguns casos lamentaveis.

Um dos nossos «dandys» ia todo teso pelo passeio, o nariz pelas janellas, julgando que andava em terra firme. Porem, vai se não quando... Zás—enterra uma perna mesmo até aos fundilhos das calças!



Já veem o desapontamento em que o pobre moço havia de ficar, jámais andando elle na tarefa de espanar umas janellas d'un segundo andar! Bem. Acudiram logo muitos individuos, na tal jangada do Bento, já se sabe; mas tiral-o da lama? Isso, tó rôla... Parecia que estava entalado no meio d'una barrica de breu. Vieram os bombeiros, os valentes todos... mas nada. O homem já parecia estratificado no sólo. Recorreu-se, então, aos *extremos*: foi-se buscar ao

## A Lagrima

Augusto aquella machina—macaco de levantar as carrôs. Então, desenterrou-se o homem.



Mas estava todo sujo, coitadito, e, demais a mais, não podi andar, que tinha fracturado uma perna! Boa ideia. Mandaram chamar o Pires, carregador da estação, que visse, e que trouxesse o carro:—que era para levar uma bagagem.

Veio o homem, e, ao mesmo tempo, trouxe outra bagagem que estava na estação, uns caixotes para o sr. Manoel Vianna.

Mas, infeliz Pires! Ao entrar na rua Direita—zás—lá vai o carro por um poçoirão, e enterrou-se até ao cimo da rôda!



E agora?

O Pires tratou de endireitar o carro conforme pôde: o dandy foi levado ás côstas do Lisboa, como quem leva um fardo: a rua Direita ficou e... *continuará* na mesma; e eu, com esta, digo-lhes adeus até á vista.

J. do M.

O «Jornal Torrojan» n.º 464, accusando a recepção da «Lagrima», diz: «Apesar do seu pequeno formato é redigido por excellentes pennas». Agradecido, collega.

### REGISTO BIBLIOGRAPHICO:

DR. LUIZ NOVAES—Allegação jurídica, na acção ordinaria, em que auctores D. Anna Rita dos Santos e Silva e outros, e réo J. L. de Sardinha Reis.

Trabalho muito bem feito, muito lapidado, com muito estudo e muito methodo. Isto só o que podemos dizer. Que está ao lado da justiça? Que as razões allegadas são razões de direito? Não temos competencia; e, que tivessemos, não o podiamos avançar, porque—regra geral—o direito está torto. Admiramos o talento e o estudo do douto advogado sr. dr. Luiz de Novaes: temos até acompanhado as phases progressivas do seu methodo d'expôr, e pode dizer-se, sem lisonja, que é, dos novos, o mais velho. Novo na pujança do talento; velho na certeza com que joga os artigos da Lei, artigos mais emaranhados do que o alfabeto egypcio e mais indecifráveis do que os caracteres das paredes de Pompeia. A Justiça!! Fr. Alexandre Pallares é que a descreve magnificamente no sermão pregado em Coimbra na 5.ª dominga de quaresma de 1802. Recommendo a juizes e advogados o trabalho do frade.

Por ultimo, resta-nos agradecer a delicadeza da offerta.

EL DIABLO VERDE—Recbemos os 4 primeiros n.ºs d'este semanario illustrado, com 16 paginas de texto, alegre, vivo, esfusante de graça, e ás vezes de malicia. E' uma publicação muitissimo interessante, no seu genero. As gravuras da primeira pagina são d'uma suavidade encantadôra. Publicação baratissima. Custa apenas 10 centimos cada numero. Assigna-se em Lisboa, rua da Madre de Deus n.º 17.

NOVO MENSAJEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS—Orgão do apostolado da oração em Portugal.

E' mensario interessante, bons artigos e boa doutrina, redigido pelo revd.º padre J. Joaquim d'Affonseca Mattos, S. J. Cada n.º contém 60 paginas, e custa por anno (apenas 750 reis. O artigo —Defeza dos interesses do Coração de Jesus», é sempre vibrante e mordente. Correspondencia: Lisboa, rua do Quelhas n.º 6.

### «A LAGRIMA»

Mez ..... 20 reis

Responsavel—João G. da Silva

Typographia da «Folha da Manhã»